

Começou mal a renegociação da dívida externa

Igor Cornelsen*

Não começou bem a renegociação da dívida externa brasileira, no que tange aos bancos privados internacionais. Tanto o Brasil quanto os principais bancos credores de Nova York se colocaram em posições pouco construtivas na primeira reunião preparatória de Nova York.



O Brasil, querendo negociar banco a banco, quando o uso e o costume é de negociação em bloco (para simplificação e maior eficiência), mostra atitude de confronto velado.

Nem o Brasil tem estrutura para negociar com centenas de credores diferentes nem a grande parte destes está preparada para tal, e a insistência neste ponto vai parecer a muitos bancos mais uma das "invenções" dos negociadores brasileiros, que só têm isolado o Brasil do fluxo de comércio e investimentos internacionais. O Brasil tem que entender que outros países já inventaram um sistema de renegociação eficiente, que tem atingido resultados muito melhores que as últimas negociações brasileiras, e não seria, portanto, vergonhoso copiar aquilo que vem dando certo. O Chile vem renegociando sua dívida externa desde 1985 com muito sucesso, e outros países desde então têm seguido seu exemplo, tais como: México, Filipinas, Costa Rica, Marrocos, Venezuela.

É o mesmo modelo que se aperfeiçoa a cada renegociação.

O confronto do Peru levou à fuga de capitais, tecnologias e ao isolamento internacional (por coincidência, o confronto começou no mesmo ano em que o Chile se utilizou do mecanismo de conversão de dívidas, em 1985).

As "invenções" do Brasil e da Argentina não levaram a resultado muito diferente que o confronto peruano, somente o grau de deterioração econômica é menos radical.

Já está mais que na hora de a renegociação da dívida brasileira ser mais eficiente.

Os banqueiros internacionais, por outro lado, cometeram um erro fundamental neste primeiro "round" de 1990, que se bem explorado pelo Brasil poderia custar-lhes muito capital.

Ao exigirem que o Brasil primeiro pague os atrasados para depois iniciar as negociações, permitem ao Brasil isolá-los da opinião pública dos seus próprios países de origem, portanto, dos seus governos e das organizações de crédito internacionais.

É sabido que o Brasil não tem reservas suficientes para pagar os atrasados da dívida externa e que fez uma profunda reforma econômica. Esta reforma, mesmo que tenha sido a reforma econômica errada, por ter sido na liquidez do setor privado, em vez de nos gastos do governo, tem causado sacrifícios à população e mostra uma mudança de atitude.

Se o Brasil negociasse um acordo com o FMI, com o Clube de Paris e mantivesse a seriedade no trato do déficit público, teria plenas condições de mostrar à imprensa internacional e aos governos dos países mais desenvolvidos que a renegociação com os bancos credores não se desenvolve porque estes exigem o pagamento dos atrasados, como condição, impossível de ser atingido, por falta de divisas.

Ao mesmo tempo, o governo poderia utilizar-se dos mesmos mecanismos de conversão de dívida inventados pelo Chile e reduzi-la com o desconto que o impasse de acordo com os bancos proporciona.

Uma política cambial agressiva seria necessária para aumentar as reservas e evitar os efeitos das retaliações nas linhas de crédito de curto prazo.

Para a felicidade dos credores brasileiros, estes sempre encontraram governantes brasileiros se utilizando da dívida externa como tema de discurso populista para o público interno, ou como desculpa para seu insucesso na cura da doença inflacionária, causada pela incompetência na redução de seus déficits, e na incapacidade de se montar um modelo econômico que gere atração de investimento e comércio para o Brasil.

Enquanto isso o taxímetro continua girando... e os juros a serem devidos...

No dia em que os governantes brasileiros tiverem consciência de sua força política, e estiverem fazendo com competência a lição de casa, abandonando o confronto e seguindo uma renegociação pragmática, ganharão a opinião pública internacional, e colocarão os credores em xeque. Neste momento, a negociação passará a correr suave, sem grandes conflitos e com muitas perdas consolidadas nos balanços dos bancos (os banqueiros conhecem seu calcanhar-de-aquiles).

A partir desse dia, a dívida deixará de ser o problema que é e passará a se constituir na solução para atrair novos capitais e tecnologias imprescindíveis para nosso desenvolvimento econômico.

* Sênior vice-presidente do Chartered West LB Limited Bank.